

Paula Sandrin

Psicanálise e Relações Internacionais

Blucher

Série Relações Internacionais

Paula Sandrin

Psicanálise e Relações Internacionais

Série Relações Internacionais

Coordenador Prof. Agripa Faria Alexandre

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Psicanálise e Relações Internacionais

© 2026 Paula Sandrin

Editora Edgard Blücher Ltda.

Série Relações Internacionais

Coordenador Agripa Faria Alexandre

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Samira Panini

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Sandrin, Paula

Psicanálise e relações internacionais / Paula Sandrin. – São Paulo : Blucher, 2026.

176 p. – (Série Relações Internacionais / coord. Agripa Faria Alexandre)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2210-1 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2211-8 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2212-5 (Eletrônico – PDF)

1. Relações internacionais. 2. Psicanálise.
3. Psicanálise nas Relações Internacionais.
I. Título. II. Série.

CDU 327::159.964.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Relações Internacionais CDU 327

Conteúdo

Apresentação	11
Introdução	
As fronteiras porosas entre Psicanálise e Relações Internacionais	13
1. Psicanálise e Economia Política Internacional	53
2. Psicanálise e Análise de Política Externa	83
3. Psicanálise e Segurança Internacional	113
Considerações finais	143
Para se aprofundar	151
Referências	159

Apresentação

Psicanálise e Relações Internacionais (RI), à primeira vista, parecem disciplinas com poucos pontos de contato: a primeira lidaria com indivíduos e suas patologias em um contexto clínico; a segunda, com as relações entre diversos tipos de atores e/ou estruturas em um contexto global. No entanto, a psicanálise não pode ser resumida a um conjunto de técnicas terapêuticas individuais. Pelo contrário: esse campo do saber, ao enfatizar processos sempre sociais de constituição de sujeitos e as dimensões inconscientes e afetivas da vida sociopolítica, fornece um conjunto de teorias e conceitos valiosos para a compreensão da política global contemporânea. Neste livro, iremos discutir a relevância e a utilidade de conceitos psicanalíticos, como inconsciente, fantasia e *jouissance* para três áreas cruciais das RI: a Economia Política Internacional, a Análise de Política Externa e a Segurança Internacional. Isso será feito a partir de um diálogo com

alguns dos principais autores das RI que vêm mobilizando abordagens psicanalíticas, principalmente lacanianas, em suas investigações. Nesse percurso, discutiremos como a psicanálise pode nos ajudar a entender o apelo e a persistência de políticas de desenvolvimento internacional diante de fracassos recorrentes, bem como do capitalismo neoliberal em um contexto de crescentes desigualdades e crise climática. Investigaremos também aspirações e cursos de ação de países do Sul Global no sistema internacional, em particular aqueles aparentemente irracionais ou obsessivos. Por fim, veremos como conceitos e abordagens psicanalíticas nos ajudam a entender dimensões fundamentais da Segurança Internacional, em particular os ganhos psíquicos e afetivos advindos da construção constante de ameaças de segurança.

Introdução

As fronteiras porosas entre Psicanálise e Relações Internacionais

Psicanálise e Relações Internacionais (RI). A princípio, esses dois campos do saber não teriam como conversar. A psicanálise, enquanto corpo teórico e prática clínica, lidaria com a vida psíquica de indivíduos. As RI, enquanto disciplina, estudariam as interações entre atores internacionais – Estados-nação, organizações internacionais (OI), organizações não governamentais internacionais (ONGI), corporações transnacionais, grupos armados não estatais etc. – no sistema internacional. Esses dois campos do saber, portanto, trabalhariam com domínios e escalas muito distintos. Enquanto a psicanálise voltaria sua atenção para o *interior* dos indivíduos, as RI olhariam para a interação entre coletividades, ou representantes de coletividades, em uma esfera global. Além disso, essas disciplinas partiriam de pressupostos incomensuráveis. Enquanto a psicanálise implode a noção de sujeito racional, que tomaria decisões com

base em cálculos de custo-benefício, as RI, ou pelo menos suas vertentes teóricas mais influentes, partiriam do pressuposto de que os atores internacionais – sejam eles Estados, empresas, grupos terroristas – sempre buscam maximizar seus interesses, definidos de forma objetiva. A fronteira entre psicanálise e RI, portanto, seria intransponível. No entanto, essa história é mais complexa. Nem a psicanálise nem as RI se encaixam perfeitamente nas descrições mencionadas. As fronteiras entre as duas disciplinas são muito mais porosas do que supõe o senso comum.

Aliás, fronteiras constituem um objeto de investigação fundamental tanto para a psicanálise quanto para as RI. Para estas últimas talvez isso seja mais claro. Fronteiras estatais, fronteiras entre povos, fronteiras invadidas, fronteiras porosas, atravessadas por bens, serviços, capitais, drogas, terroristas, migrantes, forças armadas, ideias, normas: tudo isso foi e ainda é uma preocupação central das RI. Mas a psicanálise, como vamos ver, também se preocupa com fronteiras, individuais e coletivas. Mais especificamente, ela se preocupa em entender a constituição e os efeitos, inclusive psíquicos, dessas fronteiras. Para a psicanálise, a fronteira entre o indivíduo e o mundo ao redor é construída e sustentada com muito custo, e está sempre ameaçada de se romper. No que diz respeito à disciplina de RI, desde a década de 1980, os muros que a separavam de outras disciplinas têm sido rompidos.

As Relações Internacionais surgiram como uma disciplina acadêmica formal em 1919, com a fundação da primeira cátedra de RI: a Cátedra Woodrow Wilson na Universidade do País de Gales (agora Universidade de Aberystwyth). Naquele contexto imediatamente posterior à Primeira Guerra Mundial, entender as causas da guerra, no intuito de evitá-la, tornou-se uma preocupação central da emergente disciplina. Autores do realismo, a corrente teórica dominante das RI norte-americanas no período pós-Segunda Guerra, entendiam que a finalidade da disciplina seria estudar as relações entre Estados-nação em um sistema internacional considerado anárquico, desprovido de autoridade legal acima dos Estados para regular a relação entre eles. Para autores, como E. H. Carr (1892-1982), Hans Morgenthau (1904-1980), John Herz (1908-2005) e Kenneth Waltz (1924-2013), a distribuição de poder entre Estados no sistema internacional, ameaças de segurança e a possibilidade de guerras figuravam como os assuntos privilegiados.

Como consequência de transformações no sistema internacional durante e após a Guerra Fria, e a crescente interdisciplinaridade a partir da década de 1980, o escopo de investigação da disciplina foi significativamente ampliado. Novas vertentes teóricas, temas e atores internacionais passaram a figurar na disciplina, e o rol de preocupações disciplinares se expandiu para incluir os efeitos da linguagem

e do discurso, as práticas de construção social, as dinâmicas das emoções e dos afetos, as origens eurocêntricas e racistas da disciplina, entre outros (Zevnik & Mandelbaum, 2023, p. 1). Esse leque ampliado de dimensões, dinâmicas, temas e atores para os quais nossas análises internacionais podem ser direcionadas levou a uma compreensão mais matizada e plural das relações internacionais. Hoje em dia, as diretrizes curriculares nacionais para cursos de Relações Internacionais no Brasil especificam as seguintes subáreas da disciplina como parte de seu eixo de formação estruturante: Teorias das Relações Internacionais; Segurança, Estudos Estratégicos e Defesa; Política Externa; História das Relações Internacionais; Economia Política Internacional; Ciência Política; Direito Internacional e Direitos Humanos; Instituições, Regimes e Organizações Internacionais (Ministério da Educação, 2017).

Ou seja, as fronteiras disciplinares entre RI e outros campos do saber, incluindo a psicanálise, não são tão sólidas quanto parecem à primeira vista. Na verdade, elas também são construídas e sustentadas com muito custo. Neste livro, vamos ver que, quando essas fronteiras se rompem, um diálogo muito produtivo pode surgir. A partir dele, nosso entendimento das RI e de nós mesmos se torna muito mais afiado.

A psicanálise ajuda a focar nossa atenção em dimensões pouco estudadas, mas fundamentais para as RI. Ela nos

fornece conceitos, ferramentas analíticas e vocabulário para investigar e compreender aparentes irracionalidades, contradições e inconsistências da política internacional. Seja lidando com a catástrofe climática e falsas soluções para mitigá-la, a persistência do racismo e da desigualdade em âmbito global, a intensificação de nacionalismos excludentes, a construção constante de ameaças de segurança, decisões de política externa supostamente incompreensíveis ou conflitos internacionais duradouros e supostamente insolúveis, a psicanálise pode ser de grande serventia. Ela direciona nosso olhar para aspectos afetivos e emocionais que desempenham um papel crucial nas relações internacionais: desejos e traumas coletivos, paixões sociais, apegos apaixonados a projetos políticos, modos de organização socioeconômicos e promessas de uma vida melhor. Ela nos auxilia a entender o apelo e as implicações éticas e políticas das estruturas sociopolíticas e legal-econômicas contemporâneas que perduram apesar (ou por causa) de sua aparente irracionalidade. Fornece-nos um conjunto de ferramentas metodológicas e um arcabouço teórico distinto para investigar nossa própria cumplicidade com projetos políticos e modos de vida que conscientemente criticamos. Mostra-nos que, para transformar uma situação que consideramos indesejável, temos que enfrentar obstáculos poderosos, incluindo os investimentos afetivos inconscientes, nossos e dos outros, àquela situação. Ela nos alerta que a

política e a economia não operam apenas no nível intelectual, mas também, e principalmente, no nível dos afetos. Ambas têm a ver com a produção, manutenção e circulação de desejos e traumas, muitas vezes inconscientes.

Nesta introdução, iremos apresentar sucintamente a psicanálise enquanto campo do saber e quatro conceitos psicanalíticos que atravessarão os capítulos seguintes e serão úteis para o entendimento das RI: inconsciente, ordem simbólica, fantasia e *jouissance*. Ao longo dos próximos capítulos, outros conceitos psicanalíticos aparecerão, como denegação, ansiedade e identificação com o agressor, quando forem úteis para os casos analisados. Esses conceitos psicanalíticos nos ajudarão a fazer sentido de uma série de problemas do sistema internacional contemporâneo.

No Capítulo 1 iremos explorar como abordagens psicanalíticas nos permitem apreender excessos, contradições e irracionalidades no campo da Economia Política Internacional, em particular no que diz respeito às políticas de desenvolvimento internacional, ao capitalismo neoliberal e às políticas de desenvolvimento sustentável em um contexto de crescentes desigualdades e de crise climática. No Capítulo 2 discutiremos as contribuições da psicanálise para o campo da Análise de Política Externa, em especial a contínua busca por status e reconhecimento no sistema internacional por parte de três países: Brasil, Turquia e Índia. Vamos ver como os

contextos nos quais esses países emergiram como Estados soberanos, contextos hierárquicos marcados pelo racismo, no qual foram desvalorizados e inferiorizados, continuam a influenciar suas aspirações e cursos de ação no sistema internacional, inclusive aqueles aparentemente irracionais ou obsessivos. Por fim, no Capítulo 3 veremos como conceitos e abordagens psicanalíticas nos ajudam a entender dimensões fundamentais da Segurança Internacional, em particular os ganhos psíquicos e afetivos advindos da construção constante de ameaças de segurança. Iremos ilustrar as contribuições psicanalíticas trazendo como exemplos Guerra ao Terror, as armas nucleares, as guerras híbridas e a agressividade da Rússia como ameaças de segurança. Exploraremos como essas ameaças são construídas e a que propósitos servem, inclusive em termos afetivos. Também iremos investigar como discursos de líderes de extrema direita dos Estados Unidos e da Europa oferecem promessas de resolver ansiedades e inseguranças experimentadas por parte da população, intensificando seu apelo afetivo.

Ao fim do livro, espera-se que fique claro como o diálogo entre a psicanálise e as RI pode ser muito produtivo. Mas, antes disso, iremos mergulhar nos conceitos psicanalíticos de inconsciente, ordem simbólica, fantasia e *jouissance*, para nos equiparmos com as ferramentas necessárias para ler as RI a partir de um olhar psicanalítico.

O INCONSCIENTE E A PERMEABILIDADE DO INDIVÍDUO E DO MUNDO

A psicanálise é um campo clínico de investigação da psique humana, desenvolvido por Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista austríaco. De acordo com Freud (1923[1922]/1996), a psicanálise se refere a: 1) um procedimento para a investigação, compreensão e análise da psique humana; 2) um método de tratamento de distúrbios psíquicos; e 3) um sistema teórico, que culminaria na criação de um novo campo do saber. É esse terceiro sentido da psicanálise que trabalharemos neste livro. Como vamos ver, a psicanálise é um campo diverso, com disputas internas acerca de proposições teóricas e técnicas terapêuticas e já foi muito modificada desde Freud. Nesta e nas próximas seções, vamos falar de Freud, mas também de outros autores – principalmente Frantz Fanon e Jacques Lacan – que partiram de Freud para levar o pensamento psicanalítico a novas direções.

A grande descoberta de Freud teria sido que a nossa consciência é apenas a ponta de um iceberg: há uma série de processos cujas causas desconhecemos e que não somos capazes de controlar, mas que nos afetam profundamente. Esses processos se manifestam em ações que parecem contradizer nossas aspirações e desejos conscientes, quando falamos algo que vai de encontro às nossas intenções, em

sonhos e pesadelos recorrentes. A psicanálise propõe que nós não somos totalmente transparentes para nós mesmos. O nome, muito famoso, designado para essa agência da mente que atua sobre nós é inconsciente.

Para Freud, o inconsciente seria a agência dos desejos não realizados e também de conteúdos traumáticos e aflitivos reprimidos (Freud, 1915/2010). Esses desejos e traumas não diriam respeito somente ao indivíduo e sua trajetória de vida individual, até porque não é possível separar o indivíduo do mundo ao seu redor. Apesar de todas as disputas que caracterizam a psicanálise enquanto campo de saber, desde sua fundação, com Freud, a psicanálise se engajou com grupos e coletividades. Por um lado, esse engajamento se deu a partir do foco na relação entre o indivíduo e o mundo social, entre o indivíduo e aquilo e aqueles que são externos a ele, ou como o contexto familiar e social afeta a constituição do indivíduo e seu inconsciente. Por outro, esse engajamento se deu a partir do foco em coletividades propriamente ditas: em suas experiências, conflitos, desejos e repressões compartilhados (Swartz, 2023, p. 3).

O próprio Freud, em algumas publicações, tentou relacionar elementos de sua teoria acerca da psiquê humana com uma teoria social. Por exemplo, em seu livro *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2020), publicado originalmente em alemão em 1930, em um contexto profundamente abalado

pelos horrores da Primeira Guerra Mundial, Freud investigou a tensão entre indivíduo e sociedade. Nesse livro, ele argumentou que a civilização, ou a cultura, cria expectativas que muitas vezes se chocam com os desejos dos indivíduos, que acabam por reprimi-los. Essa repressão teria um lado positivo: permitiria justamente o surgimento da vida em sociedade. Por outro lado, criaria sujeitos neuróticos, que lidam de formas ineficazes com conflitos, desejos e traumas reprimidos e inconscientes e, assim, experimentam mal-estar.

A descoberta do inconsciente teria potencial revolucionário se não fosse o movimento reducionista de Freud, a partir do momento que ele começa a trabalhar com o complexo de Édipo, de reduzir o inconsciente a algo individual, privado, formado apenas por experiências familiares, em particular com o pai e a mãe. Freud propôs que o desejo edípiano de matar o pai e ter relações sexuais com a mãe seria um fenômeno psicológico universal e inato a todos os seres humanos (do sexo masculino), e a causa de muita culpa inconsciente. Ele introduziu essa ideia em seu livro *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), mas só passou a usar o termo “complexo de Édipo” em 1910, em um artigo intitulado “Sobre um tipo especial de escolha de objeto pelo homem” (Freud, 1910/2013).

Freud formulou o complexo de Édipo a partir de uma peça de teatro grega escrita por Sófocles chamada *Édipo Rei*.

O que a Psicanálise tem a dizer sobre as Relações Internacionais (RI)? A resposta, surpreendentemente, é: muito. Ao centralizar as dimensões inconscientes e afetivas da vida sociopolítica, a psicanálise fornece conceitos valiosos para a compreensão da política global contemporânea. Este livro demonstra a relevância e a utilidade de conceitos psicanalíticos como inconsciente, fantasia e *jouissance* para três áreas cruciais das RI: a Economia Política Internacional, a Análise de Política Externa e a Segurança Internacional. Seu fio condutor é a ideia de que podemos entender melhor a persistência de práticas aparentemente irracionais das relações internacionais ao focarmos nos ganhos psíquicos, muitas vezes inconscientes, de persistir naquilo que é danoso ou deletério.



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicanálise e relações internacionais

Paula Sandrin

ISBN: 9788521222101

Páginas: 176

Formato: 11,5 x 16 cm

Ano de Publicação: 2026
